

XI SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS E LAZER FUNDERGS – Canoas/RS, 29.05 a 01.06.2013

Palestra:

O ESPORTE COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

I PARTE - QUESTÕES INTRODUTÓRIAS.

- 1.1 Comunicação.
- 1.2 Metodologia ou Estratégias.
- 1.3 Função da filosofia
- 1.4 Filosofar é brincar
- 1.5 Código restrito e Código ampliado
- 1.6 A casa e o apartamento.

II PARTE – A ESCUTA DAS PALAVRAS

- 2.1 Esporte
- 2.2 Cidadania.

III PARTE – UMA PAUSA INFORMATIVA

- 3.1 Uma manifestação individual
- 3.2 Uma política governamental

IV PARTE – O ESPORTE CONSTRUTOR DE CIDADANIA PARA QUEM?

- 4.1 A mitologia
- 4.2 A racionalidade
- 4.3 A Corporeidade ressuscitada
- 4.4 O homem é seu corpo
- 4.5 A corporeidade recriada

V PARTE – ORIGEM DA POSSIBILIDADE DO ESPORTE CONSTRUIR CIDADANIA.

- 5.1 Brincar
 - 5.1.1 Capacidade lúdica
 - 5.1.2 O mundo do brinquedo

5.2 Jogar

5.3 Praticar esporte

5.3.1 O esporte não é simplesmente esporte.

5.3.2 Esporte e negócios

5.3.3 Esporte e ideologia

5.3.4 Esporte e mídia

VI PARTE – AS CONCLUSÕES NÃO CONCLUSIVAS

6.1 Brincador cidadão

6.2 Jogador cidadão

6.3 Atleta cidadão

Silvino Santin

Sta. Maria, 26.05.2013.

O ESPORTE COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

A vivência técnica levou o homem a dominar e explorar o mundo;
pela vivência poética o homem comunga da criação. (Hölderlin)

I PARTE – QUESTÕES INTRODUTÓRIAS.

1.1 Comunicação.

Para começar uma curta comunicação. Ao responder afirmativamente ao honroso convite para apresentar uma conferência sobre o tema “O esporte como possibilidade de construção da educação, perguntei ao Prof. Rogério se eu poderia filosofar, já que a minha formação e atividades acadêmicas aconteceram nesta área.

A resposta foi afirmativa. Espero que vocês concordem. Vou tentar reduzir o susto e, caso haja algum desencanto, me esforçar para oferecer alguma distração. No meu primeiro dia de aula de Filosofia no Ruizão (Colégio Rui Barbosa de Ijuí), no longínquo ano de 1969, ao perguntar o que eles, os alunos, pensavam da filosofia. O suspense foi um silêncio embaraçoso. De repente um aluno levanta mão, (naquele tempo o aluno costumava levantar a mão para falar), e, sem piedade, proclama: “Filosofia é a ciência com a qual ou sem a qual o mundo fica tal e qual”. (O nome do autor é José Woitchumas, hoje, jornalista).

Guardei o meu plano de aula e resolvi assumir a definição como o tema da aula. Tudo girou em torno da inutilidade.¹ Agora, o tema é outro, o momento é outro, o meu

¹ Mendonça, E. Prado de. O mundo Precisa de Filosofia. Cap. O Valor da Inutilidade. P.113. Ed. Agir, 1968.

compromisso assumido foi estabelecido: apresentar uma exposição sobre O Esporte como possibilidade de construção da Cidadania.

1.2 Metodologia ou Estratégias.

Cada ciência, certamente, possui uma metodologia própria para estudar, pesquisar e expor seus temas específicos. Há diferenças, é óbvio, entre uma e outra ciência. Mas as maiores diferenças metodológicas estão entre as ciências humanas e as ciências exatas ou, como preferem os alemães *Geistwissenschaften* e *Naturwissenschaften*.

Quanto à filosofia, não tenho certeza, que tenha uma metodologia única, pelo menos, no meu entender, já que não há uma filosofia, mas filosofias ou correntes filosóficas.² Diante desta compreensão de filosofia, a minha decisão, ou pretensão, é filosofar. Assim, que tipo de atividade seria o filosofar. Vou tentar ser didático através de quatro pontos.

1.3 Função da Filosofia.

A função da filosofia, que eu não inventei, mas adotei, é a de promover reflexões, despertar consciências e alimentar debates. Portanto não seria tarefa da filosofia responder perguntas, condenar erros ou ser portadora da verdade final. O filosofar se inspira nesta afirmação de Plutarco (45-120): "A mente é um fogo a ser aceso, não um vaso a preencher".³ Foi uma advertência aos filósofos, que pretendiam ensinar verdades, que serviria como uma luva para educação bancária, denunciada por Paulo Freire

Husserl é o grande mestre de mostrar que a importância da filosofia não está em constituir-se como ciência rigorosa, mas ser uma constante inquietação do espírito humano, insistente busca de novos horizontes. Seu destino é o de estar sempre a caminho.⁴ A isto se chama filosofar, Heidegger escreveu duas obras de conteúdo oposto. *Caminhos da floresta* e *O caminho do campo*. Na primeira ele fala que não há caminho, por isso nela podem transitar o lenhador e o guarda florestal, não por conhecerem o caminho, mas por saberem abrir caminhos caminhando. Na segunda, ele afirma que o caminho do campo leva sempre para o mesmo lugar. Filosofar, para ele, Heidegger, é uma forma de pensar que se infiltra entre o manifesto e o oculto. Não há resposta e, caso se pense em resposta, ela seria apenas a abertura para um novo questionamento. Assim chegamos ao segundo ponto.

1.4 Filosofar é brincar

Filosofar e brincar seguem os mesmos caminhos. Não tem começo, não tem fim, porque recomeçam sempre e continuamente. É suficiente que um pensador ou um

² Todos conhecem os vários ismos: racionalismo, empirismo, existencialismo, positivismo, marxismo, idealismo, materialismo, humanismo ou dialética, fenomenologia, teoria crítica.

³ Plutarco, filósofo grego (45-120 a.C)

⁴ Heidegger, Martin. *Holzwege. Caminhos da Floresta*. Tradução francesa: *Chemins qui ne mènent nulle part*). em oposição a *Der Feldwege. O caminho do Campo* Trad. Francesa *le Chemin de campagne*.

brincador se disponham a pensar ou a brincar. Ambos se constroem na liberdade das decisões, da originalidade e da criatividade.

O pensar faz parte da natureza, hoje se diria do DNA, do ser humano. Os modelos de pensar são produtos culturais. Blaise Pascal disse: “O homem é um caniço, mas é um caniço pensante”. Heidegger desenvolveu, em dois semestres, curso de inverno de 1951 e o de verão de 1952, o tema do fenômeno, Pensar. A questão central dos dois semestres foi formulada assim: Was heisst Denken⁵. Parte da idéia de que a identidade do homem é a “ratio” que é raciocinar. Criar e articular pensamentos (pensares). “O homem age muito e pensa pouco” p.95. O pensar grego é uma forma de pensar.

O brincar é a raiz do humano. Friedrich Schiller disse: “o homem joga somente quando é homem no sentido pleno da palavra, e somente é homem pleno quando joga. O jogo (lúdico) é a ausência de regras ou conceitos como a verdadeira “liberdade humana”. Certamente a tradução de jogo deveria ser brinquedo.⁶

Konrad Lorenz, em sua obra *Der Abbau des Menschlichen* adota as idéias de Schiller e afirma que a verdadeira identidade do ser humano é ser *Homo Ludens*.⁷

Uma obra que mereceria mais atenção é a de Eugen Fink, *Der Spiel also Weltsymbol*. O jogo como símbolo do mundo. O mundo teria sido criado nos princípios do jogo (brinquedo). Portanto não seria uma obra de Física, mas da ludicidade ou do impulso lúdico. Literalmente seria uma “brincadeira”. E o seu criador um “brincador” e não um físico ou matemático. Konrad Lorenz, ao tratar do zigzague da filogênese, afirma ela se realiza na liberdade do jogo, pré-condição para qualquer evolução criativa filogenética.

Por fim, devo citar o livro *Amar e Brincar, Fundamentos esquecidos do humano*, de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller, que merecerá uma atenção especial mais adiante.⁸

1.5 Código restrito e Código ampliado

O exercício de filosofar pode ser compreendido a partir de dois tipos de pensar ou de interpretar o mundo que nos envolve. Esses dois tipos estão baseados em códigos distintos que o filósofo alemão Eduard Bernstein (1850-1932) identificou como “código restrito” e “código ampliado”. Vejamos alguns detalhes desses dois códigos.⁹

⁵ Was Heisst Denken, obra traduzida para o francês como *Q'appelle-t-on Penser?* Não é fácil traduzir para o português. Literalmente seria: que se chama pensar

⁶ Schiller Friedrich (1759-1805). *Über die Ästhetische Erziehung des Menschen*. In einer Reihe Von Briefen. Sobre a Educação Estética do homem. Numa série de cartas.

⁷ Lorenz, Konrad. *Der Abbau des Menschlichen*. München 1985. A Demolição do humano. E Os oito pecados mortais do homem civilizado.

⁸ Maturana, H, Verden-Zöller, G. *Amar e Brincar – Fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena 2004.

⁹ Bernstein, Eduard em Fourez, Gérard. *A Construção das ciências. Introdução à Filosofia e à Ética das Ciências*. UNESP. 1995.

Código restrito.

No código restrito são identificados dois momentos. O primeiro momento acontece quando descrevemos as coisas como as vemos. Por exemplo, quando descrevemos o pão que está sobre a mesa na hora do café ou o próprio café. Utilizamos a linguagem do dia-a-dia. Não são necessárias muitas palavras. O segundo momento surge quando aqueles que abordam um tema ou explicam um fenômeno utilizam os mesmos pressupostos ou se fundamentam nas mesmas teorias. O discurso científico, segundo Berstein, faz parte deste segundo momento. Mas é possível, também, incluir uma ideologia, uma filosofia ou uma crença religiosa.

Código ampliado

O código ampliado é alcançado quando surgem questões, perguntas ou críticas sobre as idéias que aceitamos, sobre conceitos que julgamos claros, sobre informações que recebemos, afinal, tudo aquilo que faz parte do cotidiano. Por exemplo, quando colocamos questões sobre a liberdade, a justiça, a verdade, a vida, a morte ou sobre tudo aquilo que admitimos como certo e evidente. O código ampliado, aplicado ao nosso tema, nos leva a questionar os conceitos de esporte, de cidadania e, especialmente a possibilidade do primeiro para construir a cidadania.

1.6 A casa e o apartamento.

Parece estranho vincular casa e apartamento ao filosofar. Certamente é algo inusitado. Entretanto, no meu entender, é o que mais explica e mais se aproxima à presente reflexão. O responsável por esta novidade é o filósofo Gastão Bachelard, mas quem conta a história é Gerard Fourez.¹⁰ Bachelard, já no final da vida, foi entrevistado por um jornalista. Depois de algumas palavras e alguns minutos, o entrevistado interrompeu o entrevistador dizendo: “O senhor, manifestamente, vive num apartamento e não numa casa.” O jornalista, surpreso, perguntou o que ele queria dizer. Bachelard mostrou que a diferença entre uma casa e um apartamento é que a primeira possui, além da área de habitação, um sótão e um porão; e o que há de particular, acrescentou, é que sempre subimos ao sótão, e descemos ao porão”. Conclusão a área de habitação representa o cotidiano, onde vigora o código restrito. Subir ao sótão significa buscar novos horizontes através de sonhos poéticos e artísticos. Descer ao porão implica em reordenar os fundamentos de nossa existência e os princípios originais da dimensão humana. Anteriormente, outro filósofo, Rierkegaard, já havia dito: “A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás, mas só pode ser vivida olhando-se para frente”.

Para completar nada melhor do que ouvir Mário Quintana:

“A pena que me dão as crianças de hoje!
Vivem desencantadas como uns órfãos:
As suas casas não têm porões nem sótãos,
São umas pobres casas sem mistério.
Como pode nelas vir a morar o sonho?”

¹⁰ Bachelard, Gastão, O Novo Espírito Científico Tempo Brasileiro. 1968. Em Fourez, Gastão. Op. Cit.

II PARTE – A ESCUTA DAS PALAVRAS

O tema da palestra está expresso neste enunciado: O Esporte como possibilidade de construção da cidadania. Para entender o que o enunciado propõe é preciso escutar as palavras articuladas entre si.

Um exercício de filosofar pode começar pela escuta das palavras. Falar em escuta das palavras pode parecer um tanto estranho. Costumamos dizer escutar as pessoas. Mas as palavras! Entretanto as palavras falaram muito tempo antes das pessoas as pronunciarem. Michel Foucault, em sua aula inaugural no Colégio de France, logo no início, disse: “Mais que tomar a palavra, eu teria desejado ser envolvido por ela, e ser carregado muito além de todo começo possível. Teria gostado aperceber-me que, no momento de falar, uma voz sem nome me precedia desde muito tempo”. Apenas para confirmar, mais duas citações, desta vez, de Heidegger: “quando o homem fala seja o que for que diz, ele fala somente após ter escutado a língua”. Isto porque, acrescenta: “Na verdade, é a língua que fala e não o homem. O homem somente fala na medida em que corresponde à língua”.¹¹ Toda palavra tem uma história e uma vida. Seria possível se fazer uma arqueologia das palavras. Por exemplo, a palavra SER está no centro das línguas Greco-romanas. Mas esta é outra questão. As palavras que nos desafiam são: quatro substantivos, um artigo, um advérbio e duas preposições.

Quais seriam as palavras chaves? No meu entender, o conteúdo está nos conceitos: esporte e cidadania. A tarefa a ser realizada está na expressão: possibilidade de construção ou de construir. Indica um tipo de comprometimento do esporte com a cidadania,

2.1 ESPORTE

É preciso saber o que é, preferiria dizer em que consiste o esporte, para saber se ele oferece requisitos de construir cidadania. Vou começar, obedecendo a uma estratégia do filosofar, provocando com algumas perguntas

- Todos têm uma idéia clara e bem definida do que se entende por esporte?
- Cada um é capaz de distinguir o esporte das demais atividades humanas?
- Todos são capazes de dizer quais atividades são esportes?
- O que identifica o esporte? A pergunta clássica seria: Qual a natureza ou a essência do esporte?

Se todos sabem responder essas perguntas ou se as julgarem inúteis, podemos “deleta-las”.

Cada um pode fazer o percurso que vai do esporte, portador das propriedades construtivas, até a cidadania, o objetivo desejado. Em resumo, sem o aval do dicionário, perguntaria: o esporte é capaz de “cidadanizar”.

Seja como for, eu preciso, para honrar o meu compromisso, expor a minha compreensão de esporte, a partir da qual procurarei apresentar as possibilidades de construir a cidadania. Isto não significa que a compreensão de esporte, aqui adotada,

¹¹ Heidegger, Martin. Hebel – O Amigo da Casa. Em Questions III. Paris: Gallimard, 1966, p. 67.

seja absolutamente verdadeira, mas apenas um ponto de partida ou uma abertura para dialogar com outras compreensões de esporte. Esse diálogo entre posições divergentes pode ser conduzido de duas maneiras. A primeira adota a idéia da razão instrumental. A razão instrumental, segundo Horkheimer, nasce quando o sujeito do conhecimento toma a decisão de que conhecer é dominar e controlar a Natureza e os seres humanos¹². Neste sentido, Edgar Morin acredita que "a possibilidade de pensar e o direito ao pensamento são recusados pelo próprio princípio de organização disciplinar dos conhecimentos científicos e pelo fechamento da filosofia sobre si mesma."¹³ Portanto, é melhor adotar a segunda maneira que adota a razão comunicativa. O conceito de razão comunicativa foi elaborado por Habermas, ele coloca a razão a ser implementada socialmente no processo de interação dialógica dos atores envolvidos em uma mesma situação. Na ação comunicativa ou dialogal cada interlocutor suscita uma pretensão de verdade, que será redesenhada diante de outras manifestações.¹⁴

É bom acentuar, mais uma vez, a importância da compreensão de esporte para entender que tipo de cidadania se pretende construir. Inicialmente, a partir da vasta literatura que trata do esporte e, ainda mais, diante da enorme massa de práticas esportivas, fica evidente que estamos diante de um fenômeno de alta complexidade¹⁵.

Para encarar o problema vamos apresentar duas alternativas de compreender o esporte. A primeira alternativa, mais acessível e acadêmica, consiste em adotar uma definição, entre tantas existentes. Entretanto não será seguida nesta reflexão filosófica. É a seguinte: "Atividade física exercida no sentido do jogo, da luta e do esforço, cuja prática supõe um treinamento metódico, o respeito de certas regras e disciplinas".¹⁶

A segunda alternativa concentra-se nos fatos que teriam dado origem ao esporte ou aos esportes em geral. Entre os autores que tratam do assunto, Pierre Parlebas, certamente, é um dos mais credenciado, particularmente ao afirmar que "poucos termos oferecem um conteúdo semântico tão variado e também confuso como aquele do jogo".¹⁷

Então vejamos algumas de suas idéias

Em princípio, segundo Parlebas, o esporte não seria uma atividade original, mas a institucionalização de uma atividade anterior, o jogo. (A palavra jeu, neste caso tem o sentido de brinquedo em português). Portanto, o brinquedo, antes de receber a estrutura de esporte, Parlebas o definiu "como uma atividade física ou mental totalmente gratuita que não tem na consciência de quem a pratica, outro objetivo que o prazer que ela proporciona".¹⁸ Neste mesmo sentido podemos lembrar essas palavras de Habermas: "O jogo é a consumação do movimento como tal".¹⁹ O jogo, retornando a Parlebas, se torna esporte quando recebe como referência maior uma regulamentação estabelecendo parâmetros obrigatórios para ser praticado. Assim ele descreve essa

¹² Horkheimer, Max. Teoria Crítica. São Paulo. Edusp 1990.

¹³ Morin, Edgar. Terra-Pátria. Porto Alegre: Ed. Sulina. 1995. P. 161/2.

¹⁴ Habermas, Jürgen. Consciência Moral e Agir comunicativo. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1989.

¹⁵ O conceito moderno de esporte, embora ainda não existisse o termo pois teria surgido na Inglaterra pelo ano de 1828, herdou algumas idéias básicas desde Pascal (1646-1662) e Leibniz (1632- 1716).

¹⁶ Le Petit Robert, Dicionário da língua francesa.

¹⁷ Parlebas, Pierre. Éléments de Sociologie du Sport. P. 43.

¹⁸ Parlebas, Pierre. Éléments de Sociologie du Sport. P. 50

¹⁹ Habermas, Jürgen. Verdade e Método. Rio de Janeiro: editora Vozes, 1997. P. 174 e SS.

passagem do jogo para o esporte. “Desenha-se uma atividade organizada por um sistema de regras definindo um sucesso ou um fracasso, um ganho ou uma perda”²⁰ Após essas distinções Parlebas passa a falar de Jogos Esportivos e pouco usa o termo Esporte. E os jogos esportivos são, para ele, de duas categorias – institucionais e não institucionais ou tradicionais – assim definidos: “Por jogos esportivos nós entendemos toda situação motora de afrontamento codificada, denominada ‘jogo’ ou ‘esporte’ pelas instâncias sociais”.²¹

Essa classificação de Parlebas foi lembrada pelo fato de que no tempo do incentivo governamental brasileiro, através do programa Esporte Para Todos (EPT), uma das questões polêmicas era a distinção entre esportes formais e não formais.

2.2 CIDADANIA.

Estamos diante de um conceito abstrato. O conceito é abstrato porque não tem uma representação no mundo sensível. Assim a cidadania significa o conjunto de direitos e deveres pelo qual o cidadão, o indivíduo, está envolvido no relacionamento com a sociedade em que vive. E o tema fica mais complexo quando observarmos que há diferentes ordens sociais e diferentes culturas que, certamente, a construção da cidadania não possui a mesma arquitetura²². Entre nós, os indivíduos adquirem oficialmente a cidadania desde o momento em que recebem o registro de nascimento do órgão oficial. Ter uma cidadania oficial não significa, necessariamente, ser um cidadão de fato, participante da vivência das diferentes instâncias da sociedade.

Debater teoricamente o tema de cidadania pode ser interessante, mas, no meu entender, é mais fácil entender através de um exemplo. Edgard Morin (Edgar Nahoum) filho de pais judeus sefarditas, originários de Espanha, mas passaram por diversos países até emigrar para a França. Ele nasceu na França em 1921. Depois de ficar órfão aos nove anos ele diz; “Eu parti para vida sem Cultura nem Verdade, porque os pais não haviam deixado uma pátria, mas apenas uma cidade, Salônica”. E continua: “Eu me tornei o filho da pátria (l’enfant de la Patrie) na escola quando absorvi e integrei a história de França”. Morin segue descrevendo os fatos e datas mais importantes da história de França acabando por assumi-la como sua própria história. E Conclui: “Assim eu fui incorporado à essência francesa e eu me incorporei a ela.”²³

Um aspecto que merece muita atenção é a relação entre cidadania e ordem sócio-cultural. Sociedade, cultura e cidadania são três realidades inseparáveis. Sua articulação interna define o perfil do cidadão e suas possibilidades de alcançar a plenitude cidadã. Neste contexto, a inclusão e o exercício da cidadania são questões muito delicadas e desafiantes. Mais adiante será preciso voltar ao tema, mas agora, apenas para preparar o debate, é interessante lembrar a atitude de Jean Jacques Rousseau que preferia incluir símios na espécie humana para evitar possíveis exclusões de seres humanos.

Antes de dar o próximo passo, me permito fazer uma pausa, para lembrar, ainda que superficialmente e mais a título de informação, duas manifestações sobre o esporte.

²⁰ Parlebas, P. Op.Cit. p. 51

²¹ Parlebas, P. Op. Cit. p. 46.ss.

²² Não se pode esquecer as diferenças culturais e sociais, apenas para ficar entre nós, entre os imigrantes europeus e os povos indígenas.

²³ Morin, Edgar. Mes Démons. Paris: Éditions Stock. 1994. P.17/18

III PARTE – UMA PAUSA INFORMATIVA

As informações que resolvi trazer sobre duas formas de apresentar o esporte no Brasil, uma individual e outra governamental, podem servir para descer ao porão da história do esporte brasileiro.

3.1 Uma manifestação individual

A manifestação individual traz o pensamento de um autor, mas refletindo um grupo de pensadores. Qualquer estudo sobre a relação entre esporte e educação no Brasil não pode deixar de fazer pelo menos uma referência ao pensamento de Carlos Süssekind de Mendonça. Sua principal obra sobre esse assunto é *O Sport Está Deseducando a Mocidade Brasileira*. (A grafia é anterior à reforma). O autor faz parte de uma campanha contra o esporte. O título do primeiro capítulo diz tudo: A necessidade inadiável de uma campanha séria contra o “Sport” no Brasil. Inspirado neste desejo de combater o esporte, se possível banir do Brasil, na introdução, denominado frontespício, ele anuncia: “Eu realizo, hoje, um dos meus poucos ideaes”. Em seguida, confessa que, provavelmente, seu esforço não terá sucesso, resignadamente, reconhece: “Tudo faz crer que inutilmente”.²⁴

Essa campanha contrária ao esporte, ocorrida nos anos 20 do século passado, mereceria por parte dos historiadores do esporte no Brasil, penso eu, maior atenção. O objetivo de lembrar esse tema foi apenas para despertar o interesse de algum estudioso e sonhe em analisar a obra de Süssekind. Aqui estão os títulos provocativos de três capítulos:

Cap. II – O Sport, mau factor de nossa educação physica.

Cap. III – O Sport, mau factor da nossa educação moral.

Cap. IV – O Sport, mau factor de nossa educação intelectual.

E, para provocar ainda mais a curiosidade, segue esta passagem: “Triste é ver como, na Inglaterra, um moço ganha prestígio entre os demais, não por ser tido em consideração pelos seus mestres, mas em razão de seus sucessos esportivos (...) Not tosay greater consideration from his masters, but in proportion to his success in the cricket or football field”.²⁵

Depois desta informação, aparentemente, folclórica, mas, no meu entender, de grande valor histórico, vou referir-me a um documento, provavelmente, o primeiro a apresentar de maneira sistemática e didática uma política governamental do esporte.

3.2 Uma política governamental.

Em 19 de julho de 1985 o ministro da educação, Senador Marco Maciel, promulgou o decreto de nº 91.452 instituindo uma comissão para realizar estudos a fim de elaborar uma política governamental do desporto nacional. Em 19 de dezembro foi entregue o relatório conclusivo dos trabalhos, sendo publicado um documento sob a chancela do Ministério da Educação intitulado UMA NOVA POLÍTICA PARA O DESPORTO

²⁴ Mendonça, Carlos Süssekind de. *O Sport está deseducando a mocidade brasileira*. Rio de Janeiro: Empresa Brasil Editora, 1921. Observação está redigido na antiga ortografia.

²⁵ Mendonça, Op. Cit. P 86.

BRASILEIRO – Esporte Brasileiro uma Questão de Estado.²⁶ Nele são tratados temas amplos desde o conceito, manifestações e organização até as classificações de esportes segundo a categoria de praticantes ou as instituições onde são praticados.

Novamente é preciso dizer que esse documento mereceria maior atenção, entretanto, foi lembrado pelo fato de que o esporte entrou oficialmente na esfera da política estatal, particularmente, no processo educacional. Sob o ponto de vista de uma fundamentação científica e pedagógica, no meu entender, é muito superficial. A sua maior contribuição está na valorização da Educação Física e no incentivo aos eventos esportivos, em particular, o programa Esporte Para Todos (EPT).

Como foi dito, a lembrança dos dois temas, acima referidos, tem o objetivo apenas informativo. Mas vejamos algumas passagens que podem colaborar para o nosso filosofar. Parece importante sublinhar uma das conclusões estabelecidas pelo documento. Depois de vários considerandos, ao tratar do conceito, a comissão apresenta a seguinte definição: “O esporte no Brasil, para efeito de legislação, deve ser considerado como atividade predominantemente física, que enfatize o caráter formativo-educacional, participativo e competitivo, seja obedecendo a regras pré-estabelecidas ou respeitando normas, respectivamente em condições formais e não formais”. Com base nesta definição a comissão estabelece as seguintes manifestações:

- Esporte-educação;
- Esporte-participação
- Esporte-performance.

Quanto às essas três manifestações a Comissão de Reformulação do Desporto estabelece desdobramentos definidos como denominações;

Esporte-Educação:

Não há denominações

Esporte-participação

Esporte-Lazer

Esporte de Tempo Livre

Esporte de Massa

Esporte-Recreação

e outros

Esporte-Performance

Esporte de Alto Nível

Esporte de Alta Competição

Esporte de Alto-Rendimento

Esporte-Espetáculo

²⁶ Ministério da Educação Secretaria de Educação Física e Desporto. Uma Nova Política para o Desporto Brasileiro. Esporte brasileiro. Questão de Estado. Comissão de Reformulação do Desporto. Relatório Conclusivo. 1985.

Quanto ao sistema desportivo nacional e sua organização, a Comissão estabelece o seguinte:

- I – Desporto Federado
- II – Desporto Universitário
- III – Desporto Escolar
- IV – Desporto Classista
- V – Desporto Militar
- VI – Não-formal ou de Promoção social
- VII – Desporto Profissional.

Para concluir, me permito fazer uma observação, pode ser totalmente subjetiva, diante de tal profusão de classificações e distinções, manifestações e denominações com base em critérios diferentes e confusos, fica difícil entender o documento, e, muito mais, identificar cada tipo de prática esportiva. Ora a distinção é feita pelos objetivos: educação, participação ou performance; ora os critérios são as pessoas praticantes; ora são os grupos sociais ou profissionais. Nada melhor do que cada um ler para tomar uma posição.

Esqueceram os jogos indígenas, rurais, etc.

IV PARTE – O ESPORTE CONSTRUTOR DE CIDADANIA PARA QUEM?

Recapitulando, até agora tratamos do filosofar como metodologia para desenvolver o tema proposto. Fizemos a escuta das palavras e descobrimos a complexidade semântica do enunciado do tema. Na terceira parte foram apresentadas duas posições contrárias. Uma denunciando o fator deseducativo do esporte. Outra coloca o esporte como uma atividade individual e coletiva proporcionando desenvolvimento humano e social.

O nosso filosofar está chegando ao ponto mais crítico. Não está expresso no anúncio do tema. A cidadania, já foi dito, é um conceito abstrato, aquele que não tem representação na realidade sensível. Não passa de uma representação mental. Dito mais claramente, a cidadania não é um objeto, assim como não o são a liberdade, a justiça ou a verdade. O que se pode dizer é que existem pessoas livres, atitudes justas, documentos verdadeiros. Assim, somente poderemos falar em seres que podem alcançar a cidadania, isto é, que se tornam cidadãos.

Segundo Peter Sloterdijk, o desejo de “identidade” parece ser o mais profundo das programações inconscientes, de tal maneira oculta que durante muito tempo ela escapou até da reflexão mais atenta.²⁷ A construção da cidadania encontra sua motivação original na definição desta identidade. Portanto, o desafio agora é saber qual é essa espécie de seres vivos que atingem o estatuto de cidadania. A resposta antecipada

²⁷ Sloterdijk, Peter. Critique de la Raison cynique. Christian Bourgois éditeur. 1987.

diz que é a espécie humana. Falta saber como foi possível chegar à cidadania e como o esporte, atualmente, pode contribuir para construir a cidadania.

Precisamos voltar ao porão, desta vez, da casa da história da antropologia. Começa com o desenvolvimento das capacidades do Homo sapiens. Não se trata de refazer a história da antropologia, mas apenas acentuar uma atitude dos humanos no momento em que quiseram traçar sua identidade. Ou seja, apontar a característica que os identifica e os distingue de todos os demais seres vivos. O elemento identificador está na base da cidadania.

Vejamos, resumidamente, cinco tentativas.

4.1 A Mitologia

Os mitos são narrativas que adotam uma compreensão sagrada – o sagrado tem o sentido do que não é explicado racionalmente – do mundo através de forças sobrenaturais e da intervenção de seres superiores, os deuses. Tal procedimento revela que o corpo não foi suficiente para identificar a humanidade. Foi preciso recorrer a um elemento de origem externa e superior. Três exemplos:

- O mito bíblico narra a criação do homem por Javé. A parte física do homem, moldada em argila, somente atinge a condição humana com o sopro divino.
- O mito grego. Prometeu, um dos titãs, protetor dos homens, solicitou a Zeus que lhe fornecesse seu fogo. Zeus não atende Prometeu. Este, num determinado momento, consegue roubar uma centelha de fogo do carro de Zeus para entregar aos homens, que os tornou humanos.
- O mito latino conta que a deusa cura molda em argila uma criatura. Ao final, percebe que lhe falta alguma qualidade. Solicita a ajuda de Júpiter que, prontamente, lhe confere seu espírito..

Em a base nessas explicações surgem as primeiras ordens sociais e a cidadania respectiva.

4.2 A Racionalidade

Os esforços na busca da identidade do ser humano, superando os conflitos das diversidades identitárias mitológicas, apontam para outro referencial mais “científico”. As idéias de Sloterdijk, novamente, apontam esse novo perfil identitário. Para ele, de certa forma um “alguém formal” é programado em nós portador de nossas identificações.²⁸

Com o avanço do pensamento humano, liberto da tradição mítica, surge a idéia da racionalidade, identificada inicialmente como filosofia, com a tarefa de traçar o perfil deste “alguém formal”. A partir deste novo pensar a identidade do ser humano passou a ser algo do seu interior. A psique, o Logos, a ratio latina, a razão moderna, a consciência ou o eu transcendental foram estabelecidas como especificidades do ser humano. .

Os gregos estruturaram, desde os pré-socráticos no IX antes de Cristo, o pensamento racional que consiste em explicar toda realidade a partir de princípios

²⁸ Sloterdijk, P. Op, cit.

previamente elaborados. O grande princípio adotado, e ainda hoje fundamental para as ciências empíricas, é o princípio de causalidade. Princípio que Heidegger analisou longamente em sua obra *Satz vom Grund – O Princípio de Razão* – que em duas palavras traça o caminho da Natureza à Razão Pura.-

Esse percurso começa com a psique como o elemento humanizante da humanidade. O termo grego **psychein** significa, inicialmente, alento ou sopro. Como o sopro é uma fundamental característica da vida passa a ser sinônimo de vida, depois de alma e, por fim, substituída por Logos e Ratio latina.

O roteiro racional dos gregos continua, no ocidente, a orientar a produção do conhecimento.

A filosofia moderna fixou definitivamente a definição: o homem é um animal racional. E a Razão tornou-se a instância suprema para definir o certo e o errado, o falso e o verdadeiro. Seu último passo foi estabelecer a ciência como a única capaz de traçar a vida humana. Henri Atlan confirma, resumindo o pensamento de seus ouvintes: “Não acreditamos mais nas religiões, nem nas filosofias, somente nas ciências, porque ela é bem-sucedida. É, portanto, dever dos cientistas nos indicar como viver”.²⁹

4.3 A Corporeidade ressuscitada

Já foi dito, todos sabem e muitos concordam, que o corpo é apenas uma parte do composto humano. Pior, é uma parte inferior, subalterna e explorada. Recentemente, segundo Roy Porter, estaria acontecendo uma autêntica ressurreição do Corpo³⁰. O corpo foi liberto de muitos tabus. Há uma forte exaltação do corpo, especialmente, através do cultivo da imagem estética e do potencial físico. Infelizmente não é possível desenvolver, devido limites de nosso tempo e do tema. Entretanto, como a metodologia adotada é filosofar e, também, porque é importante para uma compreensão antropológica, tornou-se interessante uma incursão entre alguns pensadores, classificados como filósofos existencialistas.

O existencialismo é uma corrente, que se afasta da metafísica clássica e do racionalismo, para pensar o ser humano como existência. O modo de ser do homem é ser-no-mundo. O homem se constrói enquanto se assume conscientemente em sua existência num tempo e num espaço determinados. O que significa dizer, nas palavras de Heidegger, o “homem é um ser datado e situado”.³¹ E, para Sartre, “O homem embrenha-se na sua vida, desenha seu retrato, e para lá desse retrato não há nada (...) e é responsável por tudo quanto fizer”.³²

4.4 O homem é seu corpo

²⁹ Atlan, Henri. Em Pessis-Pasternak, *Do Caos à Inteligência Artificial – Quando os Cientistas se Interrogam*. S. Paulo: UNESP. 1993, p. 63.

³⁰ Porter, Roy. *História do Corpo*. Em Burke, Peter (org.), *A Escrita da História – Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP. 1992.

³¹ Heidegger, Martin. *L’être et le temps*. Paris: Gallimard, 1964.

³² Sartre, Jean-Paul. *L’Existencialisme est un Humanisme*. 1946.

O passo mais avançado do existencialismo foi dado, no meu entender, por Maurice Merleau-Ponty. Enquanto os existencialistas, em geral, continuam privilegiando a consciência, Merleau-Ponty declara que o ser humano é um ser corporal. O corpo é a totalidade do homem. No corpo estão os limites e todas as possibilidades de cada ser humano.³³ É importante lembrar que se o corpo é a totalidade do ser humano, fica claro que o corpo deixa de ser uma parte do homem como consta nas antropologias dualistas. Todas as manifestações humanas são preservadas nele porque são suas manifestações. A novidade é que a única origem delas é o corpo.

Esta reviravolta filosófica, não está isolada, ao contrário, encontra total respaldo nas ciências biológicas. Para entender a dimensão deste novo cenário é bom lembrar Galileu Galilei, ao anunciar que a ciência precisava ser uma leitura do universo. O universo, segundo ele, é um livro escrito em caracteres matemáticos e figuras geométricas. A física tornou-se a ciência exemplar. O corpo, uma máquina, foi tratado com o mesmo modelo de leitura do universo.

As ciências biológicas entraram em cena para mostrar que as criaturas biológicas, homens, animais e plantas não se submetem às seqüências causais lógicas. Neste sentido Gregory Bateson, que confessou ter crescido em meio aos princípios genéticos mendelianos, escreveu: "A vida, provavelmente, nem sempre estará interessada em saber o que é logicamente aceitável. Eu ficaria surpreso se ela estivesse."³⁴

4.5. A corporeidade recriada

O avanço das ciências biológicas provocou uma resistência ao predomínio da Física e passaram a exigir uma leitura diferente dos seres vivos. A metáfora do mundo como um livro, proposta por Galileu, pode ser aceita para o corpo. O corpo, sim, é um livro, mas não está escrito com caracteres matemáticos e figuras geométricas, mas com moléculas, genes e neurônios. O mais impressionante é que o leitor é, ao mesmo tempo, o autor deste livro. Sua leitura não depende exclusivamente da inteligência, mas requer uma alfabetização corporal que ouve a fala e lê a escrita do corpo.

Sem dúvida nenhuma o corpo humano é um livro, mas não nos moldes do universo físico de Galileu, e sim como um livro vivo, cuja leitura exige outro tipo de leitor. Sua leitura depende, acima de tudo, da sensibilidade. O corpo deixa de ser objeto externo para ser sujeito e objeto ao mesmo tempo.

Um grupo de neurocientistas, cada vez mais numeroso, mostra que o corpo é um organismo e não uma máquina. A diferença entre organismo e máquina foi muito bem caracterizada por Michel Maffesoli através da distinção entre solidariedade mecânica e solidariedade orgânica. A solidariedade orgânica, que rege o corpo/organismo, mantém todas as partes em contínua comunicação. Assim, quando um membro for atingido por um estímulo qualquer ou ameaçado por um agressor, todo o organismo é mobilizado em seu favor. O corpo sempre dá sinais. É o fenômeno conhecido como biofeedback, (bio=vida+feedback=informação), fenômeno natural, mas que passou a ser um equipamento da medicina. Infelizmente somos alfabetizados, apenas, intelectualmente. Por isso criamos ferramentas para detectá-los. A alfabetização existencial ou corporal

³³ Merleau-Ponty. *La Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 1945.

³⁴ Bateson, Gregory. *Os homens são como plantas*. Em Thompson (Org.) *Gaia – Uma tepria do conhecimento*. São Paulo; Ed. Gaia. 1990.

continua sendo algo primitivo a ser superado. Ela nos ensinaria escutar o corpo diretamente. No corpo/máquina, a solidariedade mecânica não possui intercomunicação. Ela é apenas funcional pelo contato direto das partes ou peças..

A área das ciências biológicas, notadamente a biologia molecular, ao lado das neurociências, oferece elementos suficientes para repensar o ser humano como um organismo vivo, que, em última instância, pode redesenhar a participação da educação física nas práticas esportivas.

Essas contribuições são múltiplas. Nesta minha exposição não poderia deixar de apresentar algumas com o objetivo de oferecer dados a quem possa realizar estudos e pesquisas. Vou começar por Humberto Maturana, criador da teoria da autopoiese e da biologia do conhecimento, junto com Francisco Varela. Pela autopoiese eles defendem o princípio de que todo organismo vivo é uma autorganização. Os organismos vivos trazem no seu DNA todas as mensagens inscritas que informam seu desenvolvimento. Assim, todo ser vivo é um sistema auto-referido, em oposição aos sistemas alo-referidos, as máquinas.³⁵ Para fundamentar a teoria da biologia do conhecimento, Maturana e Varela escreveram: “Nosso ponto de partida foi a consciência de que todo conhecer é uma ação da parte daquele que conhece. Todo conhecer depende da estrutura daquele que conhece”. Em nome deste ponto, confirmam os autores, “sustentamos as bases biológicas do conhecer”.³⁶ E completam: “Este livro precisamente mostrará, ao estudar de perto o fenômeno do conhecimento e nossas ações ocasionadas por ele, que toda experiência cognitiva envolve aquele que conhece de maneira pessoal, enraizada em sua estrutura biológica”.³⁷

A lista dos cientistas e pensadores seria longa demais, entretanto, não se pode deixar de citar António Damásio, estudioso de neurobiologia do comportamento humano e investigador das áreas cerebrais responsáveis pela tomada de decisões e conduta. Observou o comportamento em centenas de doentes com lesões no córtex pré-frontal, permitindo concluir que, embora a capacidade intelectual se mantivesse intacta, esses doentes apresentavam mudanças constantes do comportamento social e incapacidade de estabelecer e respeitar regras sociais.³⁸ Por fim, nesta toada, pode-se encontrar pessoas surpreendentes que, de maneira poética, comungam das mesmas idéias, como Eduardo Galeano: “O corpo não é máquina como diz a ciência. Nem culpa como nos faz crer a religião. O corpo é uma festa”.³⁹

V PARTE – ORIGEM DA POSSIBILIDADE DO ESPORTE CONSTRUIR CIDADANIA.

“CIDADANIZAR”

³⁵Maturana, Humberto De Máquinas e Seres Vivos.

³⁶Maturana H. e Varela F. A Árvore do Conhecimento. Campinas S.P: Editorial Psy, 1989. P. 76.

³⁷Idem p. 61.

³⁸Damásio, António. Ver: O mistério da Consciência. São Paulo: Cia das Letras. 2000. e O Erro de Descartes – Emoções, Razão e o Cérebro Humano. S. Paulo: Cia das Letras, 1996.

³⁹Mensagem recebida pela Internet.

O conflito da informação de duas versões do tema da conferência: “O esporte como possibilidade de construção da cidadania”⁴⁰ e “O esporte adaptado como possibilidade de construção da cidadania”.⁴¹ Na primeira versão a possibilidade de construção da cidadania faz parte da estrutura do esporte. O esporte é, pelo que é, construtor da cidadania. Na segunda versão, ao contrário, o esporte não teria originalmente possibilidade de construir a cidadania, mas precisa ser adaptado. Precisa de algo mais que deve ser acrescentado à sua estrutura.

Para chegar à origem da possibilidade – ou das possibilidades – do esporte, será estabelecida uma distinção entre três conceitos ou três fatos:

BRINQUEDO, JOGO, ESPORTE ou BRINCAR, JOGAR, PRATICAR ESPORTE.

Chegamos, certamente, ao momento mais decisivo e mais desafiante desta caminhada filosofante. A preferência será dada à forma verbal, com exceção de esporte pelo fato de não ter a forma verbal correspondente.

5.1 Brincar

5.1.1 Capacidade lúdica.

Para começar, algumas idéias. A atividade de brincar é a manifestação da capacidade lúdica humana, a ludicidade. Já foi dito, em base de vários autores, entre eles Friedrich Schiller, autor da frase: “O homem se torna humano pelo brincar”. Tal afirmação se tornou o mote para repensar o ato lúdico como fonte primeira de toda a ação humana. Somente depois do brinquedo vem a construção da ferramenta, escreveu Konrad Lorenz.⁴²

Uma abordagem mais completa das funções da capacidade lúdica exigiria uma atenção mais exigente. Espero que alguns pontos fundamentais sejam suficientes para reconhecer sua íntima relação com o desenvolvimento do humano do homem.

Os estudos biológicos oferecem uma primeira e fundamental função do brincar. É brincando que a criança desenvolve as sinapses, que nada mais são do que informações interneuronais. Em manuais de neurociências pode-se encontrar o esquema de uma sinapse. A respeito dos neurônios, o neurobiólogo Jean-Pierre Changeux, reconhecido como o homem dos neurônios, calcula que cada ser humano possui 100 milhões de neurônios, mas para que sejam operacionais é preciso ativá-los, o que ocorre, particularmente, nas atividades lúdicas gerando sinapses. Assim, quanto mais a criança for exigida para resolver situações diversas em seus brinquedos, mais sinapses desenvolverá.⁴³

⁴⁰ Informação via E-mail.

⁴¹ Informação do Programa.

⁴² Lorenz, Conrad. Op. Cit. P. 64.

⁴³ Changeux, Jean-Pierre. “O homem dos neurônio”. Em Passis-Pasternak, Guitta. Do Caos à Inteligência Artificial. P. 153 e SS.

Gadamer trata a mesma questão, não a partir da biologia, mas a partir do pensar filosófico, ao tratar do brinquedo (*spiel*) como o fio condutor da explicação ontológica. Ele estabelece uma correlação entre a arte e o brinquedo na medida em que o identifica com o próprio modo de ser da obra de arte. O artista produz uma obra de arte, cuja finalidade é a própria obra. Do mesmo modo aquele que brinca sabe que o brincar é somente brincar. A obra de arte, assim como o brincar, tem seu verdadeiro ser em se tornar uma experiência que irá transformar aquele que a experimenta.⁴⁴

5.1.2 O mundo do brinquedo.

Para seguir a caminhada, num esforço concentrado, diante da grande abrangência e da complexidade do tema brincar, esta última parte privilegiará o trabalho de Gerda Verden-Zöllner, “O Brincar na Relação Materno-Infantil: Fundamentos biológicos da consciência de si mesmo e da consciência social”, publicado no livro, *Amar e Brincar: Fundamentos Esquecidos do Humano*, em parceria com Humberto Maturana, já citado no início deste trabalho.

Para este momento serão selecionados alguns pontos com maior afinidade ao objetivo perseguido até aqui. Entretanto, para quem, além de organizar, administrar e recomendar atividades esportivas, e quer fundamentar seu trabalho, certamente, encontrará, na leitura de todo texto, excelentes informações. A introdução inicia assim: “Este é um texto fora do comum, tanto em seu conteúdo quanto em sua apresentação”.

Como não poderia deixar de ser, a autora inicia com uma referência muito forte sobre a questão do dualismo e da unidade do ser humano. “Com efeito, ao aceitar a separação de corpo e espírito como identidades que se negam mutuamente, inicia-se, para nós e para os demais, um sofrimento que só pode desaparecer com a experiência de unidade que os junte de novo.” E continua: “No cotidiano, aquilo que chamamos de vida espiritual é uma forma de vida no mundo que configuramos em nossa coexistência corporal com os outros”. Para completar: “O humano surge no entrelaçamento de ambas as dimensões – a genética do *Homo sapiens* e a cultura da sociedade humana – na epigênese⁴⁵ humana particular que implica viver como um ser humano entre humanos.”⁴⁶

A autora parte da unidade do ser humano que se faz no âmbito da corporeidade. Reconhece que “Devido à sua constituição biológica, a corporeidade humana não é fixa”.⁴⁷ Tem a plasticidade de acordo com sua “estrutura inicial total de um sistema vivo que acontece como um fenômeno epigenético”. E, como vimos em Maturana, teoria aceita por Gerda, é um sistema autoreferido. Neste contexto, devido à epigênese, o modo como uma criança vive a sua corporeidade, nos primeiros anos de vida, não é indiferente para seu desenvolvimento”.⁴⁸ Ela sublinha que o humano não está inscrito na constituição genética, nem compartilhamento da vida numa comunidade humana, mas o humano surge no entrelaçamento de ambas as dimensões. “Nascemos como *Homo*

⁴⁴ Gadamer, Hans-Georg. *Verdade e Método Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis, RJ.: Editora Vozes. 1998 p. 174 ss..

⁴⁵ Epigênese: Aparecimento no ser vivo em desenvolvimento de uma forma nova que não existia em germe.

⁴⁶ Verden-Zöllner, G. Op. Cit p. 129.

⁴⁷ Idem p. 132.

⁴⁸ Idem, *ibidem*

Sapiens Sapiens e nos humanizamos no processo de viver como humanos ao viver como membros de uma comunidade social humana”⁴⁹

A humanização começa pelo contato corporal com a mãe que é operacionalizado pelo brincar..Ao anunciar tal fato, ela questiona a atitude difundida pela nossa cultura produtiva de não perceber que “o que define a brincadeira é um operar no presente”. Contesta, também, a crença de que “ao brincar as crianças imitam as atitudes dos adultos como se estivessem em preparação para a vida futura”.⁵⁰ De fato, segundo ela, “todo comportamento vivido fora dos domínios do propósito ou da intencionalidade ocorre como válido em si mesmo. Se é vivido dessa maneira é vivido no brincar”.⁵¹ O brinquedo, no caso da criança, é a maneira como se relaciona com a mãe. Seu brincar, pode-se dizer, é um relacionar-se. “O bebê se encontra com sua mãe na brincadeira antes de começar a viver na linguagem”.⁵²

Este ambiente nem sempre é tranqüilo, o que acontece quando “a mãe pode não se encontrar com o bebe na brincadeira”, o que pode ocorrer por várias razões.”Neste caso, a biologia do bebê é negada- ou não é confirmada – no fluxo de seu crescimento e transformação corporal como um bebê humano em interações humanas”.⁵³ E mais, todo bebê, humano ou não, que “não encontre, no brincar, uma mãe que o confirme como bebê, terá dificuldades para crescer como um adulto normal, capaz de viver a vida solitária ou comunitária de sua classe.”⁵⁴

Ao lado do corpo e da brincadeira, o movimento recebe uma valorização especial. Isto porque quando a criança conhece de modo operacional sua cabeça, seus membros, enfim todas as partes de seu corpo em movimento, ela pode identificar e diferenciar o seu entorno. Pode, assim, tomar consciência operacional da forma dinâmica de sua corporeidade.⁵⁵

O momento profundamente decisivo do pensamento da Dra. Gerda, no meu entender, é referente ao brincar e à consciência de si e do outro. Tema detalhado em nove parágrafos, não muito extensos. Vou reproduzir passagens de três desses parágrafos. 1º.“Na criança, a consciência individual surge com o desenvolvimento de sua consciência corporal quando ela aprende seu corpo e o aceita como seu domínio de possibilidades, ao aprender a viver consigo mesmo e com os outros na linguagem”.⁵⁶ 2º.“A criança só adquire sua consciência social e autoconsciência quando cresce na consciência operacional de sua corporeidade. Ela só pode crescer dessa maneira quando o faz numa dinâmica de brincadeira com a mãe e o pai”.⁵⁷ 3º.“Adquirimos consciência individual e social por meio da consciência corporal operacional”.⁵⁸

⁴⁹ Idem p. 133.

⁵⁰ Idem p. 144/5.

⁵¹ Idem p.146

⁵² Idem. Ibidem.

⁵³ Idem Ibidem.

⁵⁴ Idem p. 147.

⁵⁵ Idem, p. 159.

⁵⁶ Idem. P.228

⁵⁷ Idem p. 231

⁵⁸ Idem p. 232.

A brincadeira pode ser expressa, também, metaforicamente. Angelus Silesius, médico e pensador do século XVII, num pequeno poema de quatro versus, compara florescer com brincar:

“A Flor é sem por quê,
 Floresce por florescer
 Não olha para si mesma,
 Nem pergunta se alguém a vê!⁵⁹”

Depois de ler essas informações, seja nas citações ou nos comentários, parece evidente que há três pontos fundamentais, Primeiro, a compreensão da corporeidade como expressão da unidade do ser humano. Segundo, a brincadeira como construção e manifestação da operacionalidade corporal no convívio com os outros. Terceiro, A criança, pela consciência operacional de sua corporeidade na brincadeira, adquire sua consciência social e autoconsciência.

Pelo exposto, parece inquestionável que a atividade lúdica é a fonte originária que inspira o jogo e o esporte. O mais instigante é saber até que ponto a originalidade da brincadeira continua presente.

5.2 Jogar

Jogo, mais uma palavra de enorme abrangência que pode significar diferentes atividades, artifícios ou astúcias. Entrar nesse labirinto semântico, agora, não será possível. O aspecto que é necessário para continuar o nosso tema exige concentrar a atenção para a passagem da brincadeira para o jogo. O primeiro indício desta passagem foi oferecido no final do texto da Dra. Gerda Verden-Zöller. Ela indica, com as seguintes palavras, a passagem da brincadeira para o jogo: “Deixamos de brincar quando perdemos a inocência, e a perdemos quando deixamos de atentar para o que fazemos e voltamos a atenção para as conseqüências de nossas ações”.⁶⁰

Uma imagem provisória do jogo pode ser a de quem tem os pés no brinquedo e a cabeça no esporte. O jogo conserva elementos da brincadeira e acrescenta outros que fundaram o esporte. O jogador não abandona a liberdade de brincar, mas se submete à regras do jogo. Hoje, se torna mais fácil encontrar, nos jogadores, a fisionomia do atleta do que as bochechas do bebê.

O jogo, pelo seu afastamento da brincadeira, torna-se uma atividade organizada por um sistema de regras, por dimensões de espaço, por duração de tempo, por funções específicas, por materiais adequados, por perfis de participantes ou por resultados que oscilam entre vitórias e derrotas. Entretanto, no jogo, podem permanecer muitos traços da ludicidade, especialmente, em relação a alterações nas regras, na duração do tempo, na extensão do espaço, na troca de material esportivo, na adaptação da estrutura da atividade nas condições ou interesses dos participantes, que se pode distribuir pelos

⁵⁹ Silesius, Angelus. Em Leão, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a Pensar*. Petrópolis: Vozes, p. 167.

⁶⁰ Idem p. 232

objetivos de diversão, de passa-tempo, de saúde, de emagrecimento, de encontro com amigos, entre outros.

Quando prestamos atenção à compreensão de jogo, vigente na linguagem daqueles que, de alguma maneira, acompanham os eventos esportivos ela está mais próxima do esporte do que da brincadeira. Apesar disso, há um fator, que pode manter jogo e brincadeira muito próximos, pela acessibilidade aberta a todos. Este fator pode desaparecer quando se pretende jogar nos moldes do esporte.

Em resumo, o jogo pode ser aproximado ao esporte pela sua organização e institucionalização; e pode manter a vitalidade original do brincar enquanto não recusa as adaptações de acordo com os que o praticam. De qualquer maneira, o jogo será sempre uma transformação da brincadeira. Resta saber se é uma nova forma de brincar ou se é uma submissão aos valores de uma ordem social. O fator mais evidente do jogo é que pode ser visto como a ante-sala do esporte.

5.3 Praticar esporte

O conceito de esporte é menos problema que o do jogo, Parece haver um quase consenso de que se trata de uma atividade oriunda do jogo, mas que adota a ciência e a técnica como seus princípios básicos de organização. Além disso, em oposição ao brincar e ao jogar, que se fundamentam naqueles que brincam ou jogam – mais no brincar do que no jogar – o esporte privilegia uma estrutura autônoma, digamos racional e científica.

Os autores citados, agora, pertencem a outra linha de pensamento, talvez, mais questionadores do que defensores do esporte, pelo menos, pela maneira como está presente na sociedade moderna, como está sendo praticado e como está sendo explorado pelas ideologias reinantes em cada sociedade.

É indispensável lembrar, a título de orientação, que o conceito de esporte, assumido neste trabalho, é o de esporte moderno.

O homem da modernidade, já foi lembrado, identifica-se com a razão. O corpo tornou-se um mero objeto a ser investigado, dominado e utilizado para valores superiores. O esporte é uma das organizações que, em sua própria estrutura científica e técnica, oferece os mais promissores recursos de superar os limites físicos das possibilidades corporais. Neste sentido, não haveria diferença entre as diferentes ideologias. O privilegiamento da ciência da técnica seria uma supra-ideologia.

Antes da expansão universal do esporte cientificado, havia manifestações provenientes dos pensadores ligados à concepção idealista e utópica da história, quase religiosa, sem perspectiva científica, em favor de um olimpismo eterno. Entre ele estava o Baron de Coubertin. No interior deste grupo, tendo na frente Coubertin, nascem as Olimpíadas Modernas (1894). O lema: “Citius, Altius, Fortius”. E os ideais: “A coisa mais importante nos Jogos Olímpicos não é vencer, mas participar, assim como a coisa mais importante na vida não é o triunfo, mas a luta. O essencial não é ter vencido, mas ter lutado bem. A história, todos conhecem. Os grandes eventos esportivos sucumbiram diante da força de poderosos interesses. A partir da segunda metade do século XX começam as críticas da falsa exaltação dos esportes modernos. O número 43 da Revista Francesa Partisans de 1968, com o tema Sport, Culture et Répression, centralizou as

críticas sobre os rumos dos esportes modernos, em particular, os grandes eventos, incluídas as Olimpíadas.⁶¹

Jean-Marie Brohm, sociólogo, antropólogo e filósofo francês, professor de Educação Física e de Sociologia na Universidade de Montpellier, é um dos críticos mais candentes do esporte moderno. Entretanto ele afirma que sua análise do esporte não é, pelo menos o que ele deseja, nem normativa, nem axiológica, mas dialética e explicativa.⁶² Mas antes de seguir com Brohm, vamos lembrar outro sociólogo, cujas idéias ele defende. A situação do esporte moderno cientificizado e tecnologizado, foi descrita com clareza pelo cientista social canadense Erving Goffmann (1922-1982). Em alguns de seus estudos, ele dedicou uma atenção particular ao que ele denominou de Instituições Totais. Num sentido mais estrito, são lugares, onde o indivíduo é isolado da sociedade, tendo suas atividades controladas e normatizadas, por exemplo, prisões e algumas escolas internas. Este mesmo conceito de Instituições Totais, num sentido mais amplo, ele transfere para o universo esportivo, especialmente, as concentrações. Portanto, afirmou ele, pode-se aceitar que “o sistema esportivo é uma instituição total, realmente totalitária que reúne todas as instâncias econômicas, políticas, sociais, ideológicas e simbólicas das relações sociais de produção”. Neste círculo fechado acontece a “robotização do atleta e do cidadão”.⁶³

Voltando, agora, aos trabalhos de sociologia do esporte de Jean-Marie Brohm, encontramos uma documentada crítica dos esportes nos diferentes espaços referidos por Goffmann. Seu bordão central está na afirmação de que o “corpo é o alvo predileto dos esportes no engodo de uma falsa exaltação. Para ele, haveria uma suposta sublimação do corpo que é, de fato, uma dessublimação.”⁶⁴

Pela leitura, ainda que apenas em parte, da crítica sociológica do esporte de Brohm, é possível identificar algumas idéias centrais.

5.3.1 O esporte não é simplesmente esporte.

Não é simplesmente por que se reveste da máscara política. Os governantes o transformam em meio de governar. O esporte, a exemplo do circo dos imperadores romanos, camufla os desmandos dos governantes. Os incentivos às práticas, especialmente entre os jovens, coroadas com eventos nacionais apresentam uma face positiva das autoridades. Há outro modo do esporte entrar na política, um pouco mais agressivo, é a pressão de bons resultados, especialmente, em eventos esportivos internacionais. A utilização dessas duas formas de camuflar interesses políticos atrás dos esportes é uma prática no mundo inteiro, tanto em países, ditos totalitários, tanto em países, tratados como democráticos. Os exemplos são muitos. As Olimpíadas de Moscou, boicotadas pelos Estados Unidos, e, para ficarmos entre nós, basta lembrar as copas do mundo de futebol, de 1970, vencida pelo Brasil, e a de 1978, vencida pela Argentina.

⁶¹ Um livro que faz pensar: Os Senhores dos anéis – Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas de Modernas. Olimpíadas de Barcelona, mas o livro, de fato, pretende mostra “A verdade sobre os Jogos Olímpicos e o Esporte Internacional. O mito – A Verdade – O Clube.

⁶² Brohm, Jean-Marie op. Cit. 58.

⁶³ Goffmann, Erving. Em Sociologie Politique du Sport. J-P Delarge. 1972. p. 59. ca do

⁶⁴ Brohma, Jean-Marie. La civilisation du corps sublimatin et désublimation repressive.. Paris: Maspero. 1972.

5.3.2 Esporte e negócios.

O esporte foi transformado num fabuloso centro de negócios que reúne os mais diversos interesses econômicos. De fato o esporte tornou-se uma verdadeira mercadoria disputada pela cobiça de empresários e empresas. Na ponta da lista estão as empresas de fabricação de material esportivo, empresas de marketing, empresas de bebida, empresas midiáticas, apenas para citar as que estão em maior evidência. Essas empresas possuem tanta força que conseguem garantir o monopólio e a exclusividade de seus produtos, especialmente bebidas, durante e no espaço onde ocorrem os eventos. Chegam a chantagear governos locais para suspender leis que proíbem, por exemplo, a venda e o consumo de bebidas alcoólicas em estádios. O esporte, atualmente, segundo Brohm, é a vitrine mais espetacular da sociedade de mercado mundializada. Realmente o esporte se tornou uma mercadoria chave desta sociedade.

3ª. Esporte e ideologia

A vinculação do esporte à ideologia é decorrente da intromissão política. Um pouco parecida com a religião. O esporte constitui um corpo político, um lugar de investimento ideológico nos gestos e na apresentação da bandeira nacional pelos atletas vencedores, numa afronta ao ideal olímpico de universalidade pela integração de todos os povos. Pode-se perceber, por exemplo, os confrontos entre os Estados socialista e os Países capitalista para mostrar a supremacia dos respectivos regimes. Mas existe, também, a valorização ideológica do esforço, do treinamento, das renúncias, da disciplina, virtudes adquiridas graças aos esportes. O paroxismo ideológico, talvez, está concentrado na imagem emblemática da transformação do atleta vencedor em símbolo sexual.

4ª. – Esporte e mídia

Os meios de comunicação, tanto os grandes quanto os pequenos, abrem significativos espaços aos esportes. Tal liberalidade não é devida à valorização do esporte em si, mas, exatamente, em função do político, do econômico e do ideológico. Canais de televisão, redes de rádio, revistas, jornais, inclusive a internet, dificilmente, deixam de apresentar matérias esportivas. Surgiu, assim, necessidade de um, assim chamado, jornalismo esportivo, geralmente baseado em opiniões que, muitas vezes são desmentidas antes que o jornalista comentarista conclua a frase. A emoção faz parte deste tipo de jornalismo.

VI PARTE – AS CONCLUSÕES NÃO CONCLUSIVAS

As conclusões não são conclusivas. O filosofar não constrói caminhos para chegar a um lugar definitivo. Ponto final. Apenas percebe que chegou o momento de pensar se o que aconteceu na caminhada nos oferece subsídios, luzes para: primeiro, rever as nossas convicções e certezas. Segundo para tomar decisões e intervir em nossa sociedade

Criei uma série de dificuldades pela distinção entre brincar, jogar e praticar esporte. Eu pensei, particularmente, na inclusão de esportes na escola. Não vou falar em Cidadania, mas em cidadanias. Conseqüentemente de diferentes perfis de cidadãos.

Poderia conceituá-los assim:

Cidadão brincador (ou seria brincador cidadão?)

Cidadão jogador (ou seria jogador cidadão?)

Cidadão atleta. (ou seria atleta cidadão?)

No texto será adotada a segunda formulação pela simples razão de que seria a brincadeira, o jogo e o esporte que construiriam, respectivamente, os tipos de cidadania ou os perfis dos cidadãos.

Vamos ver como fica.

6.1 Brincador cidadão

A seguinte passagem de Gerda Verden-Zöller, anteriormente citada, é um bom começo para entender os benefícios do brincar para a inclusão cidadã: “A criança só adquire sua consciência social e autoconsciência quando cresce na consciência operacional de sua corporeidade. Ela só pode crescer dessa maneira quando o faz numa dinâmica de brincadeira com a mãe e o pai”.

Sublinho três pontos. Primeiro ponto, “Consciência operacional da sua corporeidade”. Certamente, tal fato, no meu entender deve estar presente em toda a existência humana, em qualquer circunstância. Fundamento para uma existência autêntica, na linguagem existencialista. Segundo ponto, “dinâmica da brincadeira”. Manter a dinâmica da brincadeira significa inspirar-se nos valores praticados quando se brinca. Terceiro ponto, “com a mãe e o pai”. Eles são os responsáveis para desenvolver a socialidade, que será estendida no convívio com as outras pessoas.

É importante lembrar que se trata de ter consciência da operacionalidade do corpo. É pelo corpo que os bebês convivem e se comunicam. A linguagem vem depois, avisa a Prof^a. Gerda. Nunca é demais chamar a atenção sobre o corpo como referencial primeiro de toda manifestação individual e de todo relacionamento com os outros.⁶⁵

Na dinâmica da brincadeira observa-se que há participação da individualidade na diversidade e, também, conflitos e reconciliações.

Brincar não significa inutilidade, ao contrário, é fonte de inspiração, de criatividade, de sensibilidade, de cooperação, de solidariedade. A história das descobertas científicas revela que, em muitos casos, foi num momento de brincadeira e não na seriedade do laboratório que o stalo aconteceu.

Que outro valor da brincadeira deveria permancer no cidadão? Aqui está o espaço do leitor responder.

⁶⁵ Vigarello, Georges. Escreveu: “O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca o bebê”. Em *Le Corps Redressé - Histoire d'un Pouvoir e Pédagogique*. P. 10

Uma observação importante, a brincadeira pode manifestar comportamentos doentios, como o caso de Pierre Rivière, narrado por Michel Foucault. Pierre brincava espetando ou crucificando pequenos insetos ou passarinhos em árvores.⁶⁶

Por fim, será que o seguinte fato é um exemplo onde aparecem valores do brincar na seriedade de um comportamento? : “ Ontem, (domingo) fiquei o dia todo fora. E como só voltei para casa tarde da noite, não cheguei a ver nenhuma notícia sobre o Brasil. Só meu amigo Léo me avisou rapidamente pelo WhatsApp, no domingo à noite, que um incêndio em uma boate do Sul matou um monte de jovens.

Hoje de manhã, cheguei para trabalhar, e muitos japoneses que trabalham aqui na ONU estavam enfileirados, lado a lado, na porta do escritório, com uma expressão grave em seus rostos. Todos se curvaram respeitosamente para mim e, um a um, expressaram seu ‘profundo pesar diante da tragédia que atingiu seu povo, zaccarô-san...’

Meu povo? ‘... Sim, seu povo, zaccarô-san...’

Muitos funcionários japoneses, desde altas autoridades até a velhinha da limpeza, expressaram suas condolências nos corredores, quando nos encontramos pelo mesmo motivo, e nos mesmos termos.

Eu confesso que nem tinha me sentido atingido pela tragédia (...) senti pena dos envolvidos, mas não tinha me sentido atingido PESSOALMENTE, e talvez muitos aqui não. Não é nossa família, e não são nossos amigos ou conhecidos... »⁶⁷

6.2 Jogador cidadão

Evidentemente ninguém propõe continuar somente brincando a vida inteira. Muito menos permanecer infantil. O que importa é preservar as vivências lúdicas e a espiritualidade da inocência nas fases da existência. O processo de desenvolvimento pessoal e social exige níveis de organização. O jogo, como foi referido anteriormente, pelo seu afastamento da brincadeira, torna-se uma atividade organizada por um sistema de regras, por dimensões de espaço, por duração de tempo, por funções específicas, por materiais adequados, por perfis de participantes e por resultados que oscilam entre vitórias e derrotas. Entretanto nada é intocável. Tudo pode ser revisado pelos praticantes.

No jogo, o fazer fica em segundo plano, o que importa são as conseqüências de nossas ações. O que continua presente é a pessoa. O jogo não é uma imposição, muito menos uma obrigação. Joga-se por outras razões como foi visto. Numa palavra, toda a estrutura do jogo pode ser alterada pelas decisões de seus praticantes e de seus objetivos.

Resumindo a passagem da brincadeira para o jogo estaria no processo de organização das atividades através de regras. Na história de Garrincha há uma descrição que, no meu entendimento, mostra a diferença. “Se o seu marcador é uma montanha científica e técnica, cairá sempre sentado, diante do drible que não tem a logicidade do

⁶⁶ Foucault, Michel. Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão. Rio de Janeiro, Graal. 1977.

⁶⁷ Texto inserido na crônica, Palavra de Médico, do Dr. J.J. Camargo no Jornal Zero Hora. 19,05,2013.

marcador. O defensor russo era um artifício mecânico, enquanto o atacante brasileiro era um poeta do gingado”.

Outros fatos recentes divulgados pela imprensa. O gesto de um treinador que, na vitória do campeonato paulista, pediu para que os atletas vencedores, ao final da partida não fizessem a volta olímpica, Era na casa do perdedor. Seria uma afronta. Numa partida da Libertadores, aconteceu o contrário. Os índios Bororos do Mato Grosso jogavam futebol segundo seus valores. Quando acontecia um gol as duas equipes festejavam. Para uma antropóloga da UFRGS, essa atitude mostraria que eles jamais teriam sucesso em nossa sociedade.

. E os Jogos Cooperativos fariam a fusão entre brincar e jogar? Novamente a resposta pertence ao leitor.

6.3 Atleta cidadão

Chegamos à última etapa. O objetivo maior desta tarefa. Confirmar ou negar a possibilidade do esporte para a construção da cidadania. Em princípio pode-se afirmar que todo esporte constrói cidadania. Entretanto, antes de sustentar tal afirmação, é fundamental saber se todas as atividades, classificadas como esporte, são, exatamente, esportes. E esporte com o mesmo sentido ou univocidade. A quem cabe definir o que é esporte e o que não é esporte. Depende de autoridades credenciadas? Ou existe uma estrutura específica de identificação?

Além disso, é preciso haver concordância a respeito da compreensão de cidadania. Nesta altura, depois de tudo o que foi apresentado cada um pode assumir a posição que julgar mais correta.

É minha obrigação expor a minha compreensão. Quanto ao esporte sustento que todo esporte tem potencial de construir cidadania. Entretanto, não se trata de um mesmo tipo de cidadania, mas de cidadanias diferentes dependendo dos valores que se quer desenvolver. Por exemplo, as lutas marciais, outros preferem dizer artes, devem construir um tipo de cidadania que, para muitos, entre eles eu, é uma cidadania para uma ordem social doentia. E argumento. Se as rinhas de galo são proibidas por serem cruéis, por que as rinhas de homens são permitidas, como o Boxe, UFC, etc.

Como classificar os cidadãos formados por tais “esportes”? Talvez, pela tese de Zigmunt Bauman, tais cidadãos se enquadrem “Neste mundo de ‘caçadores’ e não de ‘jardineiros’”.

Continuo seguindo a linha do meu pensamento. A estrutura do esporte, sob qualquer ângulo, não foi desenhada para construir a cidadania. O que acontece é o contrário. A estrutura da ordem social é imposta ao esporte para que este construa a cidadania conveniente. Portanto os valores lúdicos foram esquecidos.

Agora vou recorrer ao apoio dos argumentos apresentados por sociólogos do esporte. A turma é numerosa e bem fundamentada. Ficarei com extratos de alguns desses pensadores, limitados ao universo das minhas leituras. Evidentemente, segundo a minha ótica, os mais vigorosos.

Jean Baudrillard, depois de uma visita aos Estados Unidos, escreveu em seu livro América: “Existe uma linha direta que leva dos instrumentos de tortura da Idade Média aos movimentos industriais do trabalho em cadeia, e depois às técnicas de remodelação

do corpo por próteses mecânicas” que formam o trabalhador modelo, o corpo perfeito e o atleta vencedor”. Fenômenos, segundo ele, que caracterizariam uma nova forma de servidão voluntária, lembrando o Discurso da Servidão Voluntária de La Boétie.⁶⁸

Jean-Marie Brohm: “É somente com a forma historicamente a mais desenvolvida do modo de produção capitalista que o esporte se torna uma categoria abstrata e simples. Em outras palavras, é a evolução histórica que produziu a categoria abstrata de esporte enquanto reflexo capitalista industrial, da mesma forma que é o trabalho abstrato e simples do maquinismo industrial que produziu a categoria de trabalho em geral”.⁶⁹ (...) “O esporte, já dissemos, é o modelo reduzido da sociedade capitalista ocidental, alicerçado sobre o rendimento e a produtividade. O microcosmo capitalista”.⁷⁰

Zygmunt Bauman (1925), sociólogo e filósofo polonês, produziu uma vasta obra sobre os estranhos dentro de uma sociedade. Boa parte da obra é dedicada aos guetos sociais, em especial, os guetos judeus. A idéia central de Bauman está nestas afirmações: “Os estranhos tipicamente modernos foram o refúgio do zelo de organização do estado” e “A diferença essencial entre as modalidades socialmente produzidas de estranhos modernos e pós-modernos, enquanto os estranhos modernos tinham a marca do gado de aniquilação, e serviam como marcas divisórias para a fronteira em progressão da ordem a ser constituída, os pós-modernos, alegre ou relutantemente, mas por consenso unânime ou por resignação estão aqui para ficar.”⁷¹

Os estranhos do esporte fazem parte deste segundo grupo. O exemplo é este: Uma pesquisa planejada para a “Descoberta do talento esportivo” e aplicada em escolas para 100.000 crianças e adolescentes dos 10 aos 15 anos, admite que 3.000 mostrariam que possuem talento esportivo a ser desenvolvido. Outros 97 mil fazem parte dos estranhos. No interior dos clubes, os reservas são estranhos, alguns nunca entram em campo. Sem falar daqueles que não atingem as qualidades físicas para tal modalidade esportiva.

Uma propriedade mito proclamada em toda parte é a possibilidade do esporte integrar ou reintegrar pessoas na ordem social. Os bordões são: o esporte é saúde, é educação, é integração, é afastamento e libertação das drogas. Ninguém nega que o esporte possa contribuir. Infelizmente, os fatos nem sempre confirmam. O livro, Os Senhores dos Anéis - Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas - traz informações e fatos.⁷²

Por fim, uma pergunta desafiadora: Por que as organizações de controle anti-drogas, os departamentos de medicina esportiva, os enormes aparatos médicos e os exames anti-doping, especialmente, nos grandes eventos?

Últimas palavras:

“Nossa cultura ocidental moderna desdenhou o brincar como uma característica fundamental generativa na vida humana integral. Talvez ele faça ainda mais: talvez negue o brincar como aspecto

⁶⁸ Baudrillard, Jean. América. Barcelona: Ed. Anagrama. 1987. P. 54..

⁶⁹ Brohm, Jean-Marie, Sociologie Politique du Sport. Paris: Délarge, Éditeur, 1976, p. 32

⁷⁰ Idem, ibidem.

⁷¹ Bauman, Zygmunt. Em Larriquet, Daniel, Jornal La Nacion. Jueves, 13 marzo de 2008. P. 23 e 43.

⁷² Simson, Vyv e Jennings. Os Senhores dos Anéis. Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas. Ed. Beste Seller. 1992.

central da vida humana, numa preparação para a vida futura, mediante sua ênfase na competição, no sucesso e na instrumentalização de todos os atos e relações. Acreditamos que para recuperar um mundo de bem-estar social e individual – no qual o crime o abuso, o fanatismo e a opressão mútua na sejam modos institucionalizados de viver, e sim erros ocasionais de coexistência – devemos devolver ao brincar o seu papel central na vida”.⁷³

Santa Maria, 26.05.2013.

Silvino Santin

⁷³ Maturana, Humberto. Op, Cit. P. 245